



EXPEDICIONARIOS PORTUGUEZES: Escrevendo a um camarada uma carta para a familia

(**Cliché** Benollel).

II SÉRIE

N.º 575

ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1917

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA
Assinatura Trimestre, 1\$20 ctv.—Semestre, 2\$40 ctv.—Ano, 4\$80 ctv.
NUMERO AVULSO, 10 centavos
Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Edição semanal do jornal O SECULO

A

Enterocolite mucosa-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS - T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

Trabalhos tipográficos em todos os generos
 FAZEM-SE NAS OFFINAS DA
 "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
 Rua do Seculo, 43 LISBOA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
 LISBOA

Ribamar

O MELHOR VINHO DE MEZA

CABELOS BRANCOS



Tornam a primitiva cor da mocidade com o uso do excelente Conservador do Cabelo de Nice, o unico que se encontra a venda sem materias nocivas alem de ser um belo eulopticio faz desaparecer a caspa e evita a queda do cabelo, sem deixar vestigios. — A' venda: Quintans, Rua da Prata, 194; Silva e Neves, R. da Prata, 229. — Porto: Lourenço Ferreira Dias, R. das Fls es. 153. — Preço 600 réis; pelo correio, de um a tres frascos, mais 160.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado, e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglez, alemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000.

VINHO DE MEZA TINTO

*
Verde Minho

CASA DE AMIL
 (Braga)

D. Fernando Bourbon
 (Lindoso)

Agentes geraes: **SILVAS & C.ª**
 R. Correelros, 71, 2.º

Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes
 colleções de retratos de altas
 personalidades

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cancro** (Epiteliomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.



Antes



Depois

Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisas, tumores, etc.

Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)** — Telefone 2.570, LISBOA

REMÉDIO FRANCEZ

o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1802
 VERDADEIROS

Grãos de Saúde do Dr Franck

(Véribables Grains de Santé du Dr Franck)
 Em todas as Pharmacias e Drogarias.

DEPOSITARIO:

J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA



Illustração Portuguesa

CRONICA

N.º 575

26-2-1917



Concurso de beleza

Passaram os tres dias de fevereiro destinados ao Carnaval, sem que a proibição dos folguedos provocasse reacção digna de nota; em geral, acataram-se as determinações da autoridade e até alguns exageros como, por exemplo, o não se consentir que as crianças envergassem fato que não fosse o habitual, foram facilmente perdoados, visto que os editais não tinham definido nitidamente a palavra «folguedo».

Entretanto, alguns teatros proporcionaram tardes de alegria ás crianças e a suas familias, distribuindo, em concursos, premios de beleza e dando bailes infantis, o que não deixou de ser por alguns intransigentes classificado de transgressão ás ordens proibitivas. Teriam razão os que assim pensaram?



Assistimos á saída dos pequeninos candidatos n'um dos teatros e a nossa impressão foi de que na verdade a transgressão se não dera, tão pouca alegria se manifestava. Havia, sim, exuberante de jubilo, o grupo dos premiados; mas os descontentes eram em muito maior numero e as recriminações, em crianças e adultos desiludidos, predominavam grandemente sobre os louvores ao juri.

Final, o que tinha sido praticado pelas empresas teatraes com excelente intenção, pareceu-nos nem mais nem menos do que uma crueldade. Pois quais seriam os pais que levariam o filho a um concurso de beleza se o não tivessem por formoso? e quais são os que o não consideram assim?

Em concursos de beleza infantil só será aceitavel o que não estabelecer gradações, premiando os candidatos sem excção e com recompensa igual para todos. Triste carnaval o d'aquelles a quem se lançou no espirito a duvida de que o seu filho não seja a mais linda das crianças!

Pensões

Não logrou, até á hora a que escrevemos, efetivar-se a decisão parlamentar que concedeu ao poeta Gomes Leal uma modesta pensão que lhe suavise um pouco as agruras da velhice. Fala-se já em subscrição publica, em esmolas — que é a palavra propria.

A proposito, o escritor tem enviado ás redações dos jornais algumas quadras a que procura dar o feitiço chocarreiro, como quem encara com humorismo filosofico a perspectiva de um longo jejum com subsistencias á vista. Mas, ai!



como a palavra brota hesitante e inexpressiva quando oculta a idéa em vez de a representar, como a gargalhada sóa falsamente quando não corresponde a um contentamento sincero! São estes versos os do acerbo

ironista d'outros tempos, os do revolucionario de genio faiscante? Não; adivinha-se que os escreveu constrangido, que são lamentos e não risos, que a pena os traçou molhada de lagrimas, e por isso eles são palidos, indecisos no pensamento e na fórma.

Apresse-se a realisacção da boa obra encetada pelo Parlamento, a não ser que haja o proposito de enriquecer a literatura portugueza com mais algum poema de revolta, primoroso como desabafo, mas, por infelicidade, insufficiente como alimentação.

“Errare”...

Um jornalista portuguez entreteve-se em respigar nas obras de escritores de nomeada, alguns erros que não cometeria um aluno de escola primaria. A maior parte das vezes o erro não significa ignorancia, mas desatenção, e assim se explica o que o jornalista estranhou, não devendo atribuir-se a outra coisa as faltas de Shakespeare, Alexandre Dumas, condessa Pardo de Bazan, etc.

«Depois, as traduções podem contribuir tanto para desacreditar o autor! Lembra-nos, a proposito, um conto castelhan, no original, que na nossa lingua foi vertido com o seguinte titulo: «Por que o diabo é surdo». Baseava-se a historia, longa mas engraçada, n'um precalço acontecido ao diabo quando transpuuha, em certa ocasião, a entrada do inferno: puxava a porta com força, esta fechava-se rapidamente e o diabo, não tendo tempo para retirar a mão esquerda, ficava com ela entalada. De aí, concluia o tradutor que «o diabo tinha ficado surdo» e o leitor, naturalmente intri-



gado, cogitava largamente sobre os estranhos resultados no sentido auditivo, produzidos pela destruição dos tecidos da mão esquerda, até que, folheando um dicionario espanhol reconhecia que «zurdo» quer dizer «canhoto».

E o mais curioso da passagem, é que o tradutor, além de literato distinto, é de juizo ponderado, qualidades que nem sempre se encontram reunidas.

Livros

A produção, na ultima semana, não foi escassa. Agradecemos os livros que nos foram amavelmente enviados e daremos conta dos que a merecerem visto que a noticia do aparecimento de um livro, n'esta secção, corresponde a uma recommendação, pelo menos a uma prova de agrado pessoal. Merecem-na desde já as «Horas suaves», de Orlando Marçal, opulentas de estilo impressivo e cheio de côr.

ACACIO DE PAIVA.

(Illustrações de Stuart Carvalhaes).

Exposição Alma Nova



Saavedra Machado, principal organizador da exposição.



Armando de Lucena.

Um grupo de rapazes de talento, com o seu nome já feito alguns, fundadores d'uma revista literaria *Alma Nova*, dirigida por um moço e culto espirito, o sr. A. Burstof, resolveu promover no salão nobre do Teatro S. Carlos uma exposição com o concurso apenas dos *novos* — novos (eles o dizem) no sentido da tecnica artistica e, um tanto ou quanto, da idade, mas novos que não são principiantes.

Aqueles que, como eu, amam a mocidade por tudo quanto n'ela ha de grande, de forte, de impressivo e nobre; que a julgam a unica flor da Vida, abrazada fonte de ideal e de fé; hino maravilhoso em que cantam a graça das manhas e a divina voz das primaveras — admiravel pelos seus excessos, fecunda nas suas irreverencias, sagra la pelas suas audacias; — aqueles que, como eu, n'ela vêem a mais dilecta filha da Beleza e da Imortalidade, teem, ao entrar na exposição da sala de S. Carlos, uma doce e grata emoção.

Ha um ar de juventude espiritual em tudo; sente-se, nas côres que riem ou sofrem nas telas, na luz dos marmores ou dos bronzes, uma alma amorosa e confiante, que o vento do interesse ou do ceticismo ainda não desbotou e crestou. Os quadros e as esculturas são amigos; ao fundo, um grupo de expositores conversa e tagarela alto. Não estamos em plena exposição oficial de consagração — todos de mal uns com os outros. Não ha hostilidades entre as emulações dos artistas; não se sente inveja entre os modelos e as tintas. Ha qualquer coisa de familiar na simpatia que reina na sala. Converso,

um a um, com alguns dos expositores — e, surpresa suprema e inexcidível!, esses rapazes não dizem mal uns dos outros e só n'isso nos dão, desde logo, a impressão de que não são mestres e olimpicos. São moços e, admiravel milagre!, creem uns nos outros — e creem em si proprios.

A exposição é relativamente vasta, embora n'ela escasseiem os quadros de grandes dimensões. Só, ao fundo, n'uma moldura oval, uma *Le ia surpreendida*, entre sombras de folhagem

— tela grande e interessante — nos envia o beijo calido d'uma magnifica nudez de mulher. E' do sr. Martinho da Fonseca, discipulo de Columbano, que expõe ainda varios pasteis, pintura a oleo e desenhos. Entre os pasteis, *O sorriso* conquista logo a minha simpatia, porque é realmente belo, insinuante, quasi luminoso e entre os desenhos, uma cabeça de *Religiosa*, em que as linhas dão a maceração das vigílias, vibra de extase e de espiritualidade.



«Nostalgia». escultura de Maximiano Alves.

Alves Cardoso, artista já feito, discipulo de Carlos Reis, honra a exposição com varias obras, em que se

destacam, como sempre, o seu sentimento poetico muito vivo e a sua tecnica notavel. Destaco na pintura, o *Outono*; no desenho, uma pequena maravilha que tem no catalogo o titulo *Estudo a Carvão*.

Vou notando outros nomes, ao sabor irregular das minhas



Stuart Carvalhaes



Raul Xavier



Letão de Barros



Martinho da Fonseca

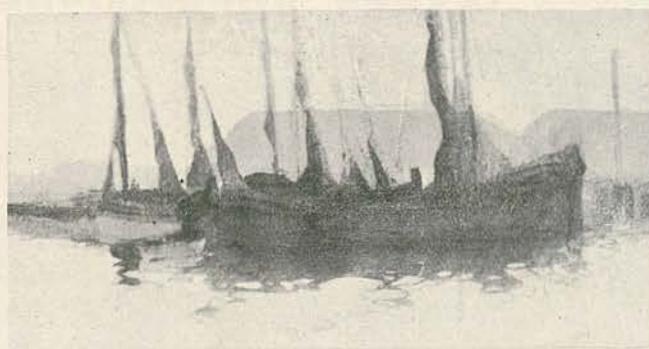


Carlos Bonvalot



O sr. Adriano Costa

recordações, sem qualquer outra especie de titulo de proceçencia. Saavedra Machado é um notabilissimo artista. Percorro rapidamente os seus ensaios de côr, em



Uma marinha de Stuart Carvalhaes



O pintor Alberto Lacerda

noite, que é suggestivo; Joaquim Lopes; Mario de Sousa Maia; Carlos Bouvalot, artista premiado e illustre, que tem



Estudo inedito para o quadro Noite de Natal

A Batalha, primorosa obra de desenho e, sobretudo, alguns Desenhos de Arqueologia e Etnografia, que são pacientes e inexcediveis modelos no genero. Frederico Ayres, notavel paisagista, discipulo brilhantissimo de Carlos Reis, dá-nos tres télas excellentes, das quaes jectaco O Poente; Dordio Gomes tem alguns desenhos entre os quaes destaco o «carvão» estudo para o quadro Noite de Natal; Adriano Costa, com varios quadros e, entre eles, Um Canto (Cintia) que tem uma linda luz; Eduardo Romero, expõe dois pequenos quadros a oleo e duas aguarelas e uma Cabeça Arroçante, desenho em cujo olhar brilha um capricho de mulher e uma Cabeça de Garoto, muito boa.

Tenho de acabar. Junto nomes, sem poder especialisar trabalhos. Lembro Alfredo de Lacerda, Armando de Lucena, com uns esplendidos Serros em sombra; Stuart Carvalhaes, com duas marinhas, que confirmam o seu inegualavel merito artistico, e uma Alfama á

que fixo duas delicadas manchas, O Limão e a Laranja e uma terna Luz da Madrugada e de tenho-me nas «sanguineas» cuja tecnica se me afigura impecavel. A Cabeça de Meretriz, a serie de retratos, entre os quaes avulta o de Rafael Bordalo, são excellentes composições em que o traço é leve, ele-



O pintor Joaquim Lopes

na Madalena um busto de mulher, de carnação rosada e sadia; D. Maria Ca-neiro, com algumas telas-nhas muito portuguezas; D. Milly Possoz, talento impressivo, original, faiscante, admiravel temperamento artistico.



«O Modelo», de Martinho da Fonseca

Dos esculptores, lembro Diogo de Macedo; Raul Xavier, que expõe, entre outras obras, uma Cabeça de Negra excelente e uma adoravel Cabeça de creança; Maximiano Alves, que é um artista muito pessoal, na plena posse do seu processo e outros. Barros Samora, José Leitão de Barros, D. Margarida Alcantara, Mario Maia, D. Maria Chaves, Navarro da Costa, João Carrioca, Constancio Silva, Ruy Sedas, D. Sabina de Vasconcelos, Leitão de Barros, Paulino Montez, completam o elenco d'esta Exposição, em que ha, a par da confirmação de autenticos meritos, a revelação de notaveis aptidões.



A «Batalha» desenho de Saavedra Machado



Projecto de casa portugueza, de Paulino Montez e Leitão de Barros

A. de C.



Escultor, Maximiano Alves



Arquiteto Paulino Montez

As nossas tropas expedicionarias



Soldados de cavalaria em Alcantara

É cada vez mais levantado o estado de espirito das nossas tropas que partem para França. As noticias recebidas de lá, á medida que nos vão chegando, animam os outros que teem de seguir pelo mesmo caminho, no cumprimento do mais sagrado e insofismavel dos deveres.

O soldado portuguez está sendo recebido em França não só como de uma nação amiga, a quem a solução d'este tremendo conflito internacional interessa profundamente, mas ainda porque todas as suas qualidades de valentia, disciplina e sobriedade fazem d'ele um excelente coo-



[Um dos transportes antes da partida: os soldados á prôa soltam vivas entusiasticos



Em Alcantara-mar.—Clarins de cavalaria em direção ao caes de embarque

perador. Inglezes e francezes abraçam-no na mais franca e leal das camaradagens e ele

perturbador da paz européa, converteu entre nós em decisão o que podia haver de vaci-



soldados de cavalaria conduzindo os seus cavalos para os transportes

sente-se bem no meio de gente que o estima e luta pelo mesmo ideal.

Estavamos certos de que o desembarque dos nossos primeiros soldados produziria este magnifico efeito. Se fossemos nós que, em vez de estarmos tão longe do alcance da invasão germanica, estivessemos perto e condenados a ela, como a França e a Belgica, não faríamos menor carinhoso acolhimento aos que deixassem os seus paizes para virem lutar no nosso pela causa comum.

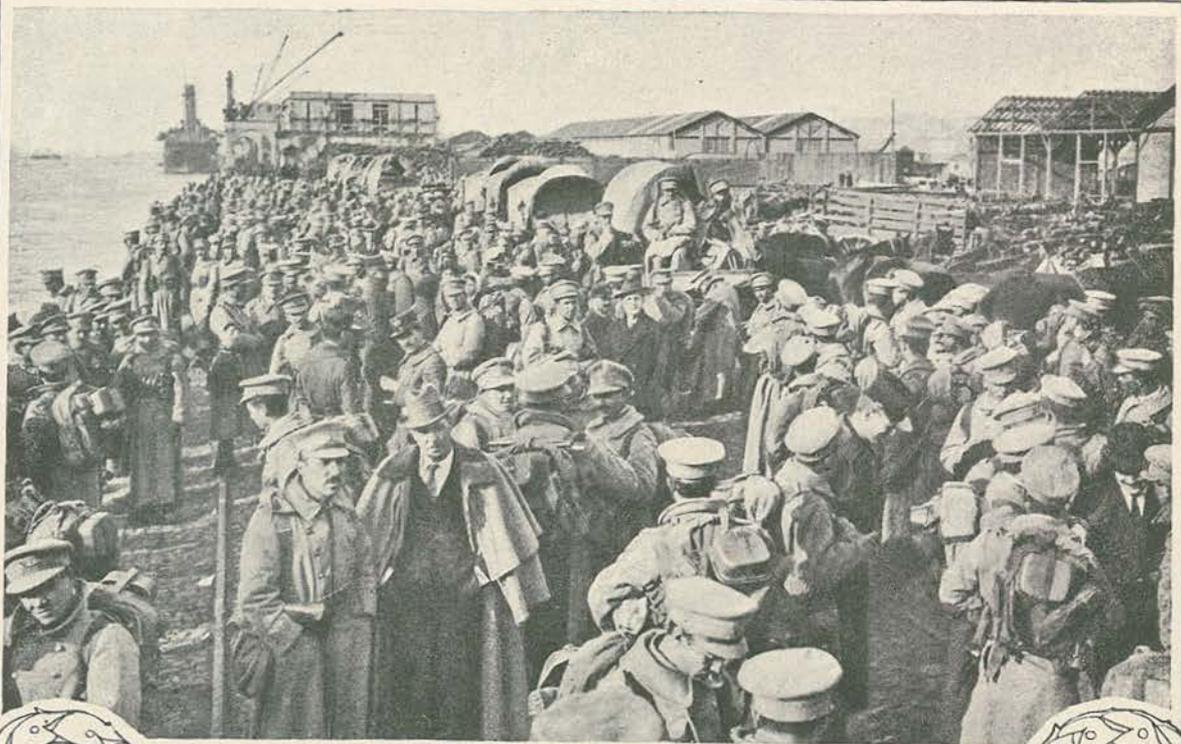
A comunhão entusiastica de inglezes, francezes e portuguezes no mesmo ideal de

justiça e de liberdade combatendo o militarismo alemão, o feroz inimigo de nós todos e o unico

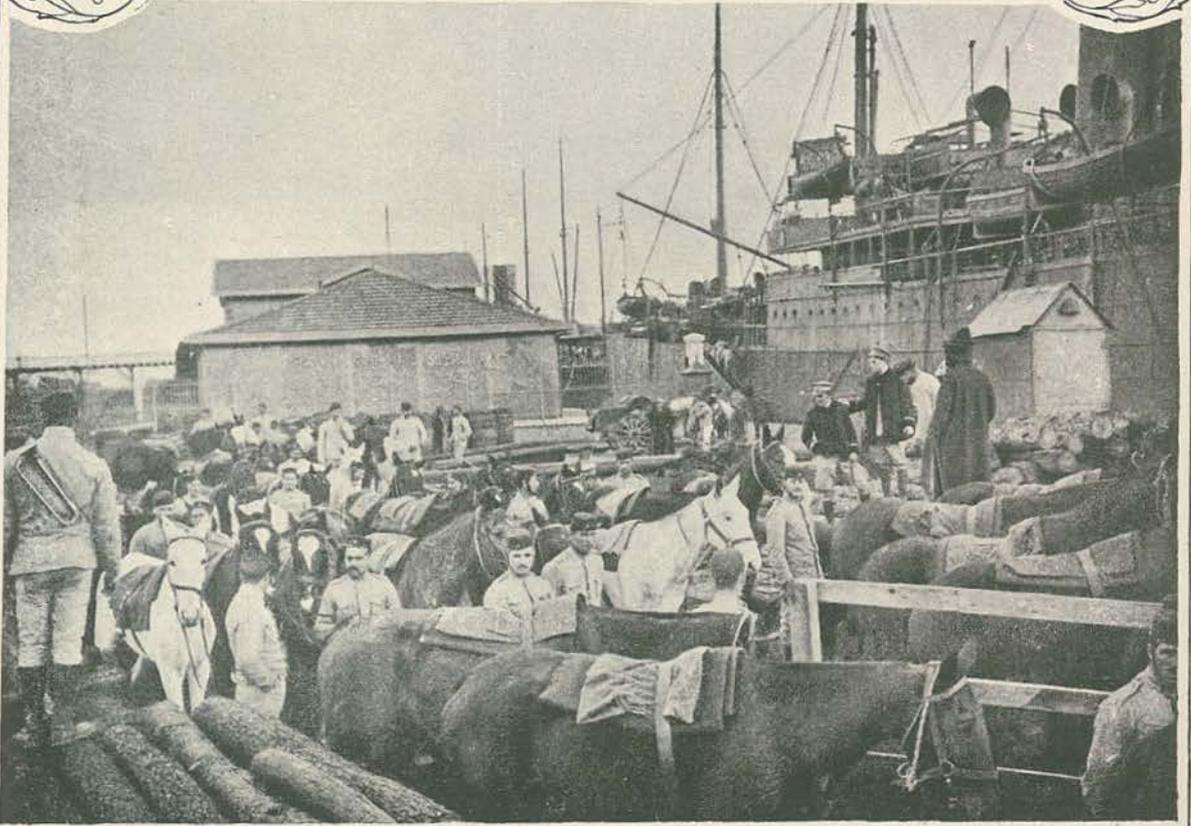
lancia e em grito de guerra qualquer murmúrio que se ouvisse contra ela.



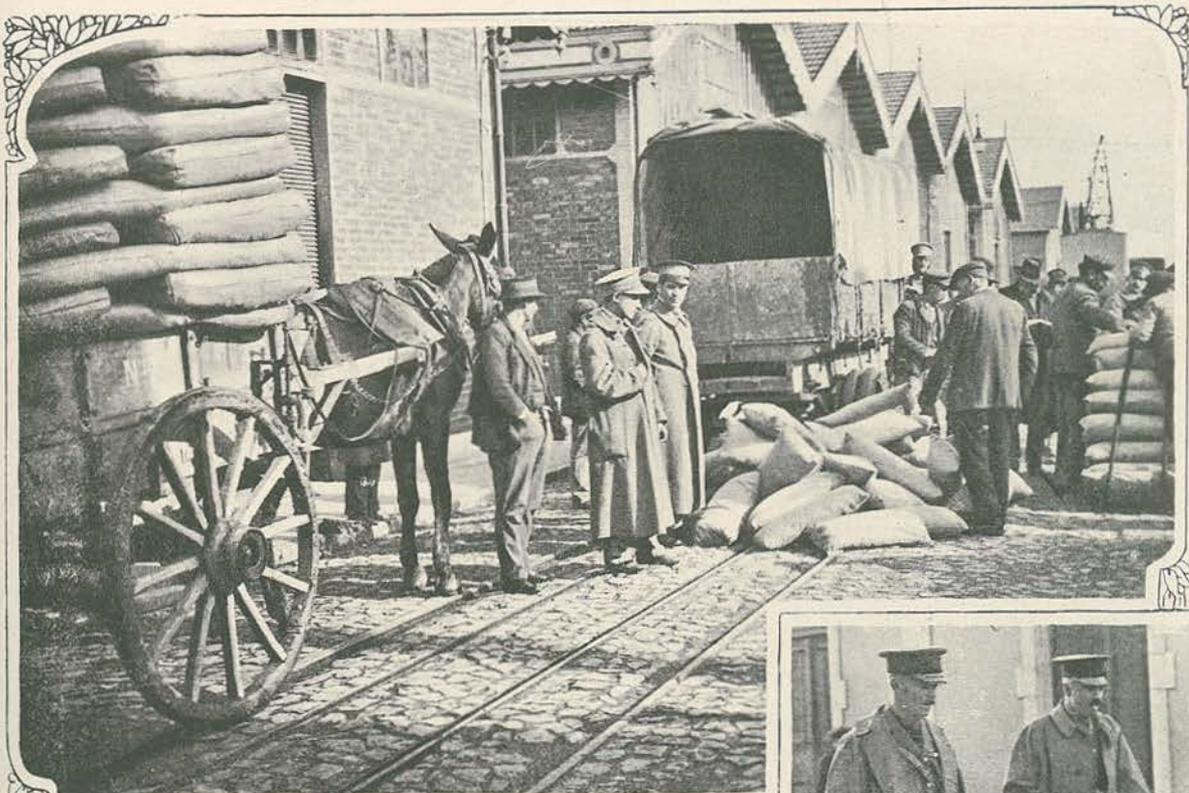
Famílias de soldados que partiram, e que vieram da Nazaré para se despedirem dos seus



Um batalhão de infantaria aguarda no caes a chegada dos rebocadores para ser conduzido para os transportes.



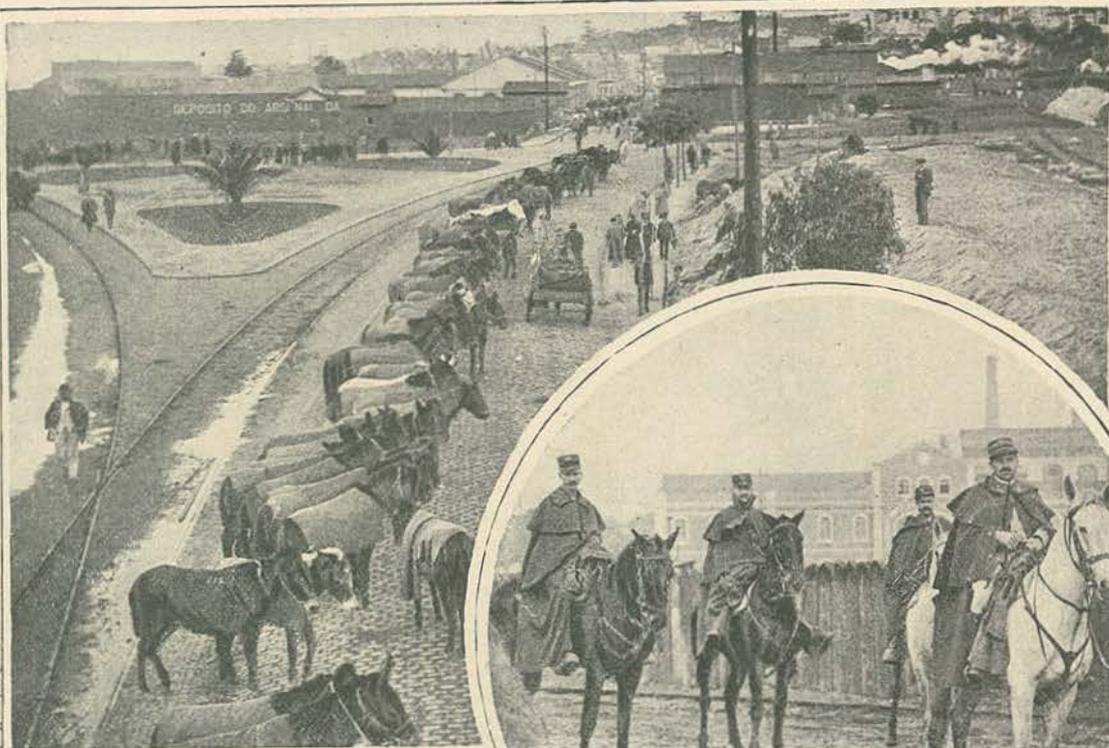
Sollpedes prontos a embarcarem



Embarque de colchões e enxergas para bordo d'um dos transportes.



2. No posto de desinfecção.—O general Barnardiston com o seu ajudante
 3. Viaturas militares conduzindo bagagens de soldados de cavalaria, vendo-se ao fundo praças d'uma ambulancia de saude.



Sollpedes de artilharia e cavalaria aguardando o momento de embarque.



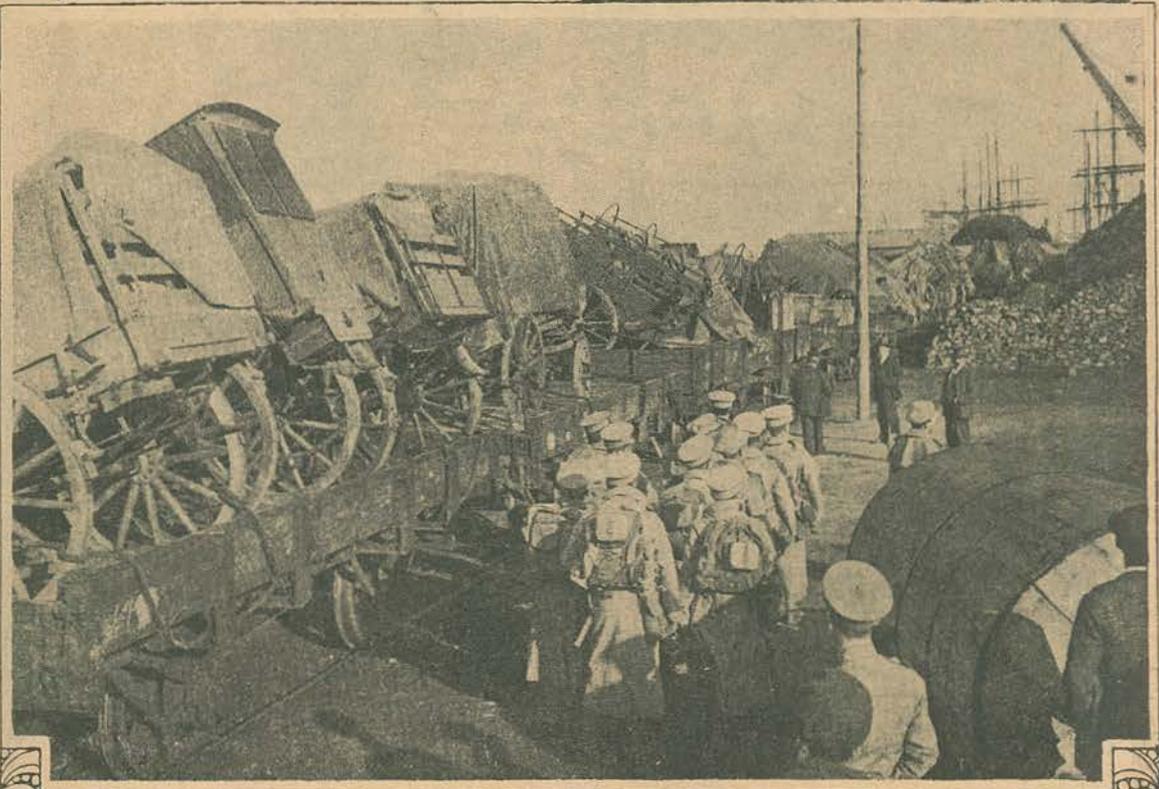
2. A guarda republicana policiando as ruas em volta do caes
 3. Mais sollpedes, aguardando o momento de serem transportados para bordo



1. Officiaes no caes antes de embarque tratando com o tenente sr. Borges de Sousa assuntos referentes ás bagagens.
2. Um comboio com material e viaturas passando na estação de Alcantara-mar.
3. Combolo militar chegando ao caes de embarque.

(Publicação autorizada por s. ex.^a o ministro da guerra).

(Clichés Benollel).

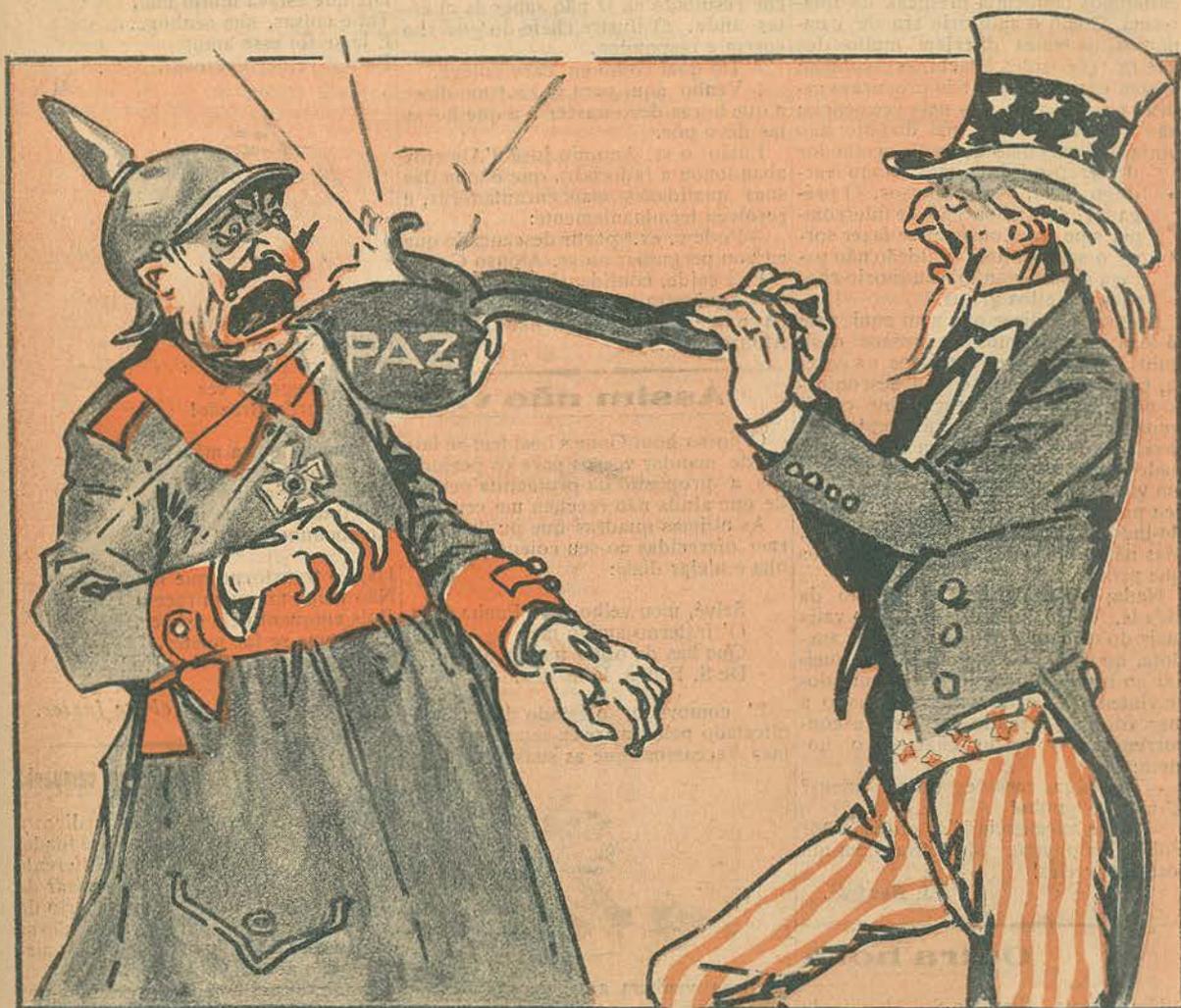




Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

EXPLOÇÃO



Estalou-lhe a castanha na boca!



Um grupo de sargentos do 6.º regimento (1.º batalhão mobilizado de infantaria n.º 40), pertencente ao corpo expedicionário que partiu para França.



A corporação dos sargentos do batalhão de infantaria n.º 34, aquartelado em Santarem, que faz parte do mesmo corpo expedicionário.

PALESTRA AMENA

Sermões

Passou hontem o primeiro domingo de quaresma e hontem, como pessoa que muito deseja ser confortada com boas palavras e emendar-se de alguns erros que tenha cometido, ouvimos o primeiro sermão dos que por este tempo os ministros da Igreja dedicam aos fieis do catolicismo. Foi uma predica aristocratica, perfumada, para mulheres e mancebos efeminados; o prégador, desenhando-se elegantemente no fundo claro da parede do templo, era mavioso de voz, punha os olhos em alto e afastava, de vez em quando, um caracolinho teimoso, de cabelo castanho, que lhe caía para a testa. O tema era o «Amor de Deus», mas, pelo modo como foi versado, bem podia denominar-se o «Amor dos homens», porque deste se tratou finamente, quasi sensualmente.

Ha um ano estavamos, por esta época, n'uma aldeia da Extremadura e aí assistimos tambem a predicas de quaresma. Como o auditorio era de camponios, os temas diferiam muito dos que os reverendos alfacinhas escolhem; o bom cura da serra não procurava captivar pela doçura, mas pela veemencia; não tratava do amor, mas do odio; não pintava Deus como benevolo acolhedor de arrependidos, mas como verdugo cruel, de criminosos. O prégador de Lisboa não se interrompia sem que conseguisse fazer sorrir o seu publico; o aldeão não parava senão quando o auditorio chorava em altos gritos.

Escusado é dizer que nem aqui nem lá fóra conseguimos os nossos designios. Se pecadores entrámos na igreja, pecadores saímos e se o desconforto nos apertava o coração ele continuou a confranger-nos. Entretanto, não deixámos de concordar em que os dois padres conseguiam o fim que tinham em vista: ambos sabiam conservar o seu predomínio nos rebanhos, servindo-lhes o que a estes mais agradava. Mas não contavam comosco, com os que procuravam a luz...

Nada; evidentemente, o sermão da cidade, como o da aldeia, não valia mais do que os d'aquela padre da anedota, do qual os colegas se foram queixar ao bispo porque levava apenas doze vintens por cada um, rebaixando a mercadoria e fazendo-lhes terrivel concorrência. O bispo chamou o homem:

—Tu prégas sermões a doze vintens? E' uma vergonha!
—Vossa excelencia já os ouviu? Não? Pois se os ouvisses não dava nem um tostão por eles!

J. Neutral.

Outra hora

Uma noite d'estas o Sol, depois de terminar o seu serviço habitual, tirou-se dos seus cuidados e foi procurar esse outro sol que é o sr. Antonio José d'Almeida. Sua ex.^a achava-se entre nuvens—imaginosamente falando—mas

nem por isso deixou de receber ótimate o astro do dia.

—Então que o traz por esta sua casa?—inquiriu.

—Saber em que lei vivo,—respondeu o Sol—e pedir o favor de me indicar, d'uma vez para sempre, o que devo fazer.

—Tenha a bondade de se explicar.
—Aqui ha tempos alongaram o dia com 35 minutos; depois alongaram-no com mais 60; passados mezes diminuíram-lhe 60; agora, para Março, resol-



veram que ele aumentasse 60. Dá isto em resultado eu já não saber ás quantas ando. O illustre chefe do governo sorriu e respondeu.

—Tal qual como eu, caro colega.
—Venho aqui para v. Ex.^a me dizer a que horas devo nascer e a que horas me devo pôr.

Então o sr. Antonio José d'Almeida abandonou a indecisão, que é uma das suas qualidades mais encantadoras, e resolveu terminantemente:

—Pode v. ex.^a partir descansado que eu vou perguntar ao sr. Afonso Costa. E, á saída, confidencialmente:

—Aqui para nós... Em Portugal nada nasce nem se põe senão quando o Afonso quer.

Assim não vale

O nosso bom Gomes Leal tem-se farto de mandar versos para os periodicos a proposito da prometida pensão de que ainda não recebeu um centavo.

As ultimas quadras que publicou foram oferecidas ao seu colega João Penha e n'elas dizia:

Salvé, meu velho João Penha,
O' fraterno amigo meu
Que has de obter uma pensão
De S. Pedro, lá no céu.

E' comovedor o estado d'alma manifestado pelo illustre ex-satanico poeta, mas receamos que as suas expansões



poeticas venham a desmanchar o que os seus amigos com justiça, arquitearam.

Por outras palavras: receamos que dêem o dito por não dito e lhe retirem a pensão definitivamente, se continuarem a fazer versos assim...

Emtim, só!

Que tringlo-manglo foi este
Que em certo teatro deu?
Será tifo? será peste?
Seja o que fó, que lhe preste,
Eles lá sabem, não eu.

Uma ocasião, em segredo,
Fóra de cena, constou
Que mais tarde ou que mais cedo
Se rasparia o Azevedo...
E, realmente, raspou!

Ao depois voz lacrimosa
Diz que é o Alves que sae,
E—como recita o Rosa
N'uma poesia famosa—
Subitamente lá vae!

Tempos após principia
Novo boato a surdir,
Que o Rafael marcharia...
Na verdade, um belo dia,
Na aragem poz se o fakir!

Seguiu se a bela Leonor;
Diz que estava muito mal,
Tal e coisas, sim senhor...
E lá se foi esse amor
Para o velho Nacional.



Ha coisa de meio mez
Noticia de sensação
No teatro portuguez:
Agora chegou a vez
Ao Eduardo Brazão!

E' doença, coisa má,
Ao que corre por aí,
Epidemia. Será;
Mas inda bem que não dá
No rochunchado Chaby.

Haja o transtorno que houver
Não tenha ninguem receio
Pois enquanto ele estiver,
Conforme se faz mister,
Sempre o teatro está cheio!

Molière Junior.

Medicos em campanha

Primeiro, na escolha dos medicos a partir para França, atendeu-se á idade; seguiu-se outra escala com diferente criterio; mais outra... Pois apezar de toda a boa vontade do ministerio da guerra, chegando, parece, até a não se adotar escala nenhuma, os medicos ainda se não acham satisfeitos.

Então, aí vai uma idéa: recrutem-nos por especialidades, partindo em primeiro logar os especialistas de doenças que, em França, mais necessitem d'elles.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida amêlade:

Prêguntasteme na tua ultema meci-
va cumo paçava u Brazão de caude
purque istavas em munto cuidado: pa-
ças bem, grassas a deus, cigundo vi
uma noite destas nu Nassional, onde
açisti á afamada *Madurgada* cus no-
ços pais axavam munto bunita mas que
é uma istupada dalto lá cum u xaruto.
Ça quella jente touda faláce in proza
em logar de cer in berço nu fin do
prumeiro ato nan ficava nem vivalma
nu triato.

Quer de ver: desta vez ficava, pur-
que era a istreia do jovem Brazão pur
quem me prêguntastes. Aquilo é que
era pouvo para çaber ce ele istava rou-
co ó não! Não istava, Zefa: tem a
graganta tão vóa que, ó que me dixe
uma peçoça que neça noite açistia ó es-
pêtaçulo do triatro da Repuvlica, até
lá ce ovia a voz du home!

Alembraсте de eu te dezer que xu-
rei munto com o *Pratiota*? Pois, filha,
iço nan foi nada ó pé das larguimas que
ce berteram nu fim do prumeiro ato
da *Madurgada* cum as manifestações
jarais.

Imajina: colxas nus camarotes, mó-
lhadas de agriões du ordimento, u
Melo a ler uma iscompostura ó Brazão
pur ele ter istado in outro triato, u Bra-
zão a gaguejar um inpruviso que le-
vava escrevido in meia folha de papel
de cartas, a Barbra ós beijos a ele, u
Galhardo a isfregar as mãos pur ver u
triató á cunha—imfin, tudo isto pur-
vocou tantas larguimas çobretudo nas
cunhoras que eu tive de arregassar as
calsas cu dilúvio!

Repito: fica escançada cu noço trá-
geco tem caude para dar i bender—
mais para bender que para dar—i açim
ce had - cunçervar inquanto tiver juizo
para ce livrar dus médecos.

Olha lá: tanhome já alebrado de
meter a noça filha Tareza nu triato.
Que te pairesse? Ce tu i ela istiverem
di acórdo tirá de casa du sr. prior i
imbarcá in Xão-de-Massãs, mas avisa-
me prumeiro. Tá dito? Teu inté ó fe-
turo

Jerolmo
Emprezario do Paulltama
de Peras Rulvas

DE FÓRA

A's sogras

Velha sogra, corcova ta
Ao peso de cem Invernos,
Morreu e foi condenada
A's profundas dos Infernos.

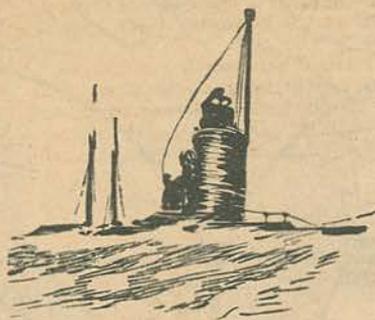
Julgais, porém, que a affligiu
ver do demo a negra guela?
Satanaz é que fugiu
Com medo das farias d'ela.

BRAMÃO D'ALMEIDA.

A BORDO

Um passagelro que enjôa, ao criado:
—Esta costeleta está mal passada.
—E que tem isso? Para o tempo que o
sr. a ha-de ter no estomago!

EM FOCO



O submarino

Terrivel mata-cães e esfolo-gatos,
Se os gatos se os cães fossem marinhos,
Causa susto ás pescadas, aos golfinhos
E aos carapaus os meços timoratos.

Marujos, capitães, immediatos,
Grumetes os mais novos e mesquinhos
Se o periscopio avistam, coitadinhos,
Mais pequenos se fazem do que ratos!

Todos tremem da maquina assassina
Só eu não tenho o mais pequeno medo
Embora arrote a furia submarina.

Todos os dias manhâsinha cedo,
Salto do leito, meto-me na tina,
E nem de leve penso n'um torpedot!

BELMIRO.

O pão e o carvão

Entra para casa da D. Genoveva uma
nova criada. A dona da casa ordena-
lhe que acenda o fogão e esta agarra
n'uma substancia escura que encon-
trou na cosinha. A D. Genoveva:

—Que vai você fazer?

—Deitar este bocado de coke no fo-
gão.—O' mulher! isso é pão, não é car-
vão!D'ái a pouco serve-se o almoço. A
D. Genoveva, chamando:—O' Maria! traga mais um pão para
a mesa.

A criada obedece.

D. Genoveva, depois de varias ten-
tativas com a faca.

—Não sou capaz de partir este pão...

Examinando:

—Mas isto é carvão, Maria! Você
enganou-se!A Maria despede-se e resolve só
voltar a ser criada depois de terminara guerra, quando o pão se puder dis-
tinguir do carvão.

* * *

O Marques entra em casa desespe-
radissimo. E' rodeado pelos filhos e
pela esposa, que o interroga aflita:—Que te aconteceu? vaes para a
guerra?

—Peor! uma grande desgraça!

—Mas que é?

—Imagina. Dizem os jornais que vai
haver um pão unico!

—E então?

—E então... Lisboa tem uns quatro-
centos mil habitantes. Ora, dividido
um pão em quatrocentos mil bocados
vê lá que porção vem a caber a cada
um de nós!Da *Crônica elegante* de um jornal:

«Na *corbeille* da noiva viam-se brin-
des riquissimos: um collar de perolas,
oferecido pelo noivo, duzentas e cin-
coenta gramas de carvão de pedra,
presente do padrinho, o opulento ban-
queiro Ximenes, tres pães de meio qui-
lo, oferta da madrinha, a duqueza de
Altas Torres. »

Bocage e os medicos

(Continuação)

XV

Compôz para leve andaço
Um doutor, doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dose mortal.

Indo depois á botica
D'esta sorte o dono o inves te:
—Receite a todos o mesmo,
Meu doutor, e temos peste.

XVI

Um medico, antiga peste
Do triste genero humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idonea,
Apesar do formulario;
Mas o que ao medico escapou
Lá vai ter ao boticario.

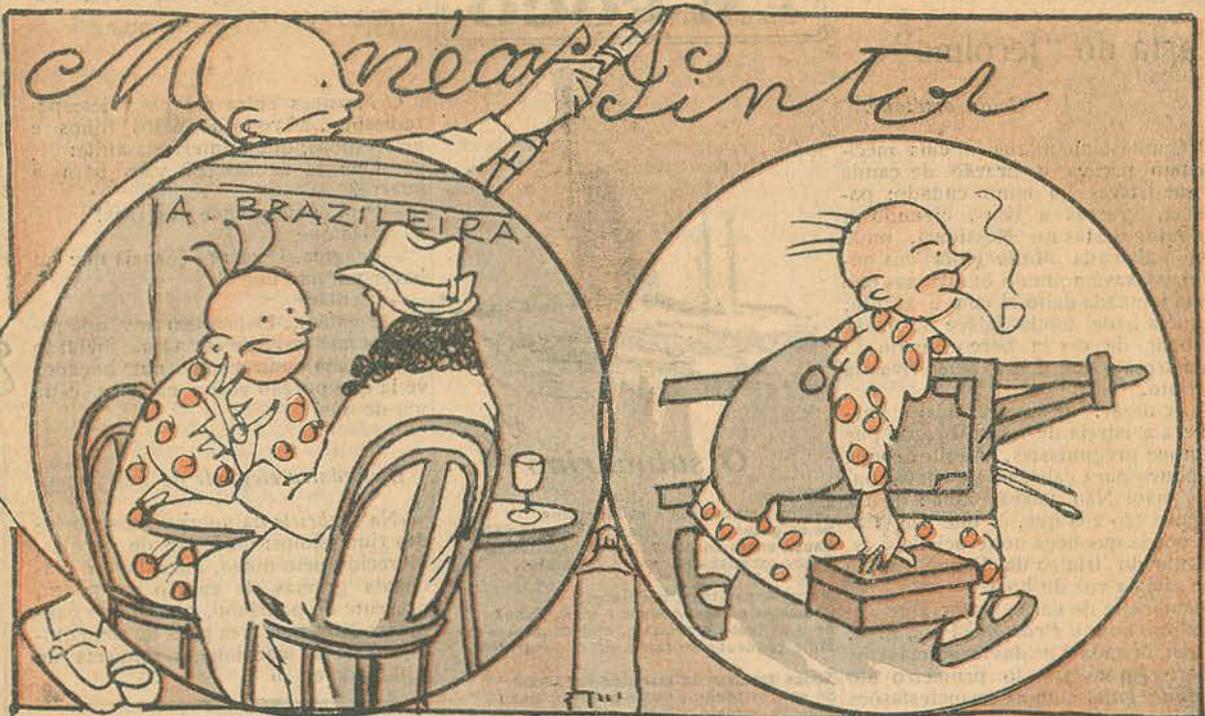
XVII

Pôde vitima de Venus,
Metafora da existencia,
Fiu-se d'um boticario
Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo
Uma gambia retorcida
Que para a parte de fóra
Como que enxotáva a vida.

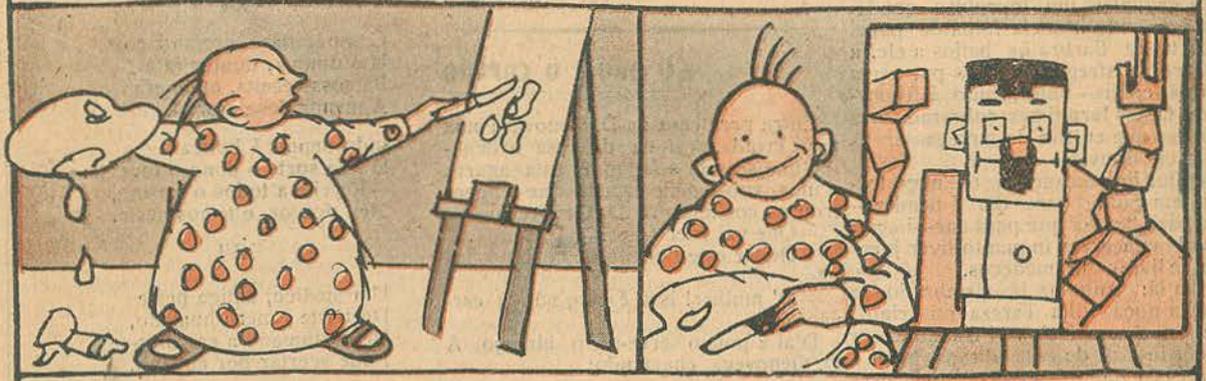
Tenaz emplastro lhe estende
A farmacopolia mão
Com que dê nome á botica
Dando cabo do aleijão.

«—Deixe estar, diz o mestrão,
Que isto logo, logo abandona.»
Que succedeu? pôz-lhe a perna
Torta para a outra banda.



1.—Por muito conviver com certo artista
Deu o Manecas em pintor cubista.

2.—Lá vae co'os apetrechos, de viagem,
Resolvido a pintar uma paisagem.



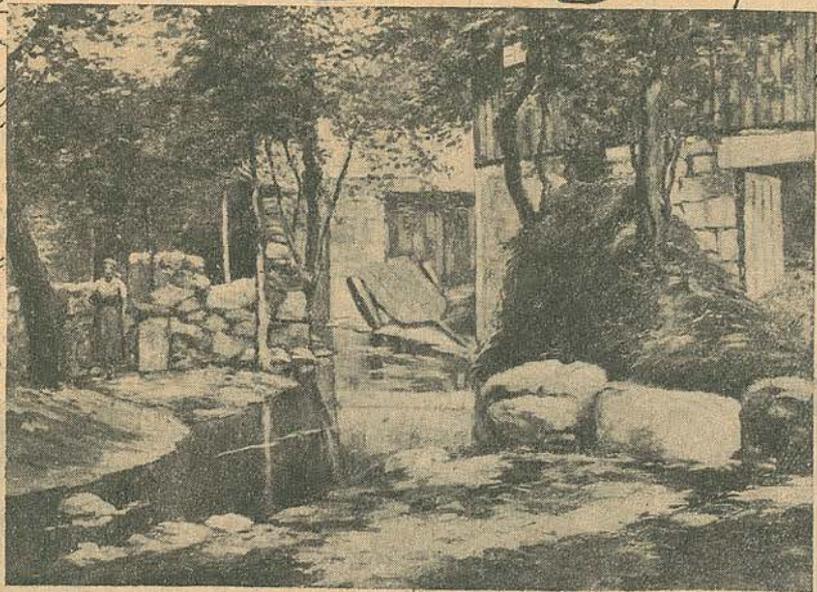
3.—As noras, as hervinhas, as quebradas
Pinta em forma de cubo; ás pinceladas.

4.—Terminada a paisagem, o ratão
Resolve logo expô-la no Salão.



5.—D'este vez o papá do rapazola,
Comoivo a valer, bella-lhe a tola!

Belas Artes



A levada (Vilar do Vouga), quadro de José Leite



O pintor sr. José Leite

Se o sr. José Leite não se tivesse já afirmado um pintor de muito talento, bastaria a exposição de trabalhos seus feita no Salão Bobone para lhe consagrar o nome no nosso meio artístico.

A exposição, sempre muito concorrida da nossa primeira sociedade e dos nossos mais autorizados críticos de arte, encerrava realmente quadros dignos de admiração, tendo-se vendido

muitos, o que é bastante significativo como prova de apreço no meio da crise que atravessamos.



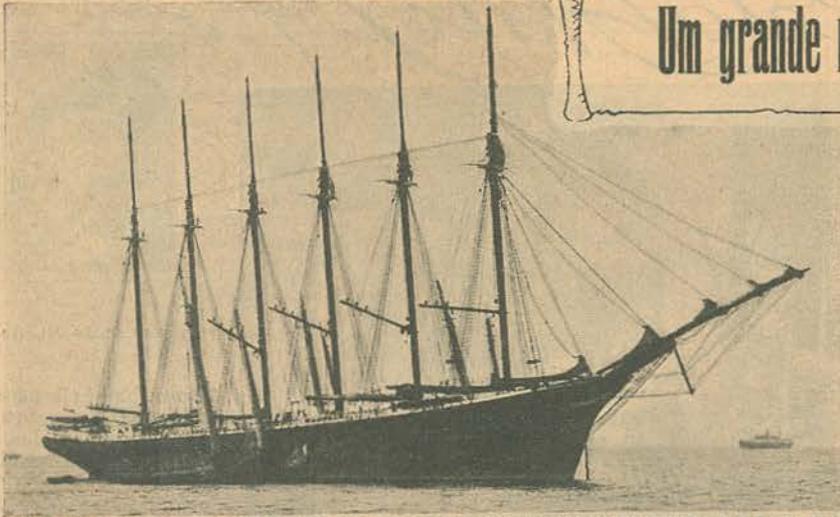
A exposição Navarro da Costa — Visita do sr. presidente da Republica

(«Cliché» Benoitel).

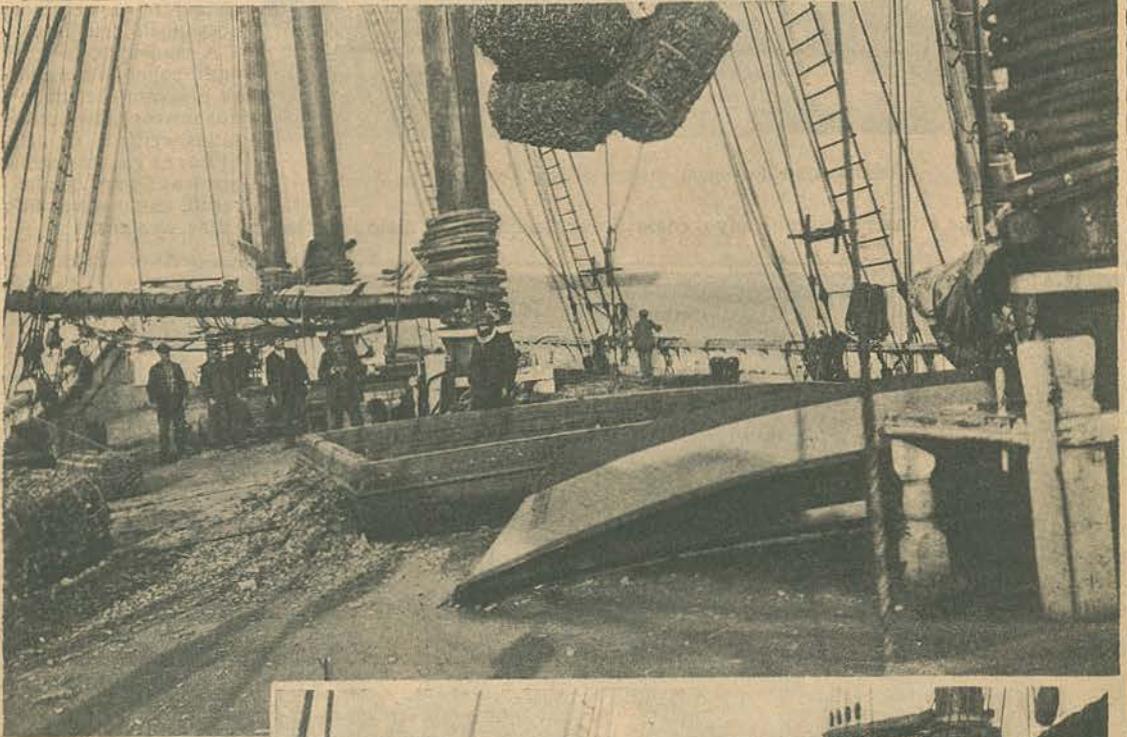
A exposição do ilustre pintor brasileiro sr. Navarro da Costa constituiu entre nós um verdadeiro acontecimento artístico. Telas feitas no Brasil, em Italia e Portugal, qual d'elas mais preciosa pelo desenho e pelas côres, quasi todas de grandes dimensões, e em numero superior a 60, atraíram imensa concorrência ao pa-

lacio das Belas Artes. Entre os visitantes conta-se o sr. presidente da Republica e muitas das individualidades mais em destaque no nosso meio, sendo adquiridos muitos quadros e sendo os trabalhos do talentoso pintor alvo dos maiores elogios.

Um grande navio de vela



REFERIMO-NOS ha dias a um navio de vela de 6 mastros «Edward J. Lawrence» aportado a Ponta Delgada. Em Lisboa tambem esteve um do mesmo tipo o «Addie M. Lawrence» pertencente á mesma firma e consignado á importante casa do sr Monis Elias. Construido em



1902, carrega 4800 toneladas de peso e tem apenas 13 homens de tripulação, por que todas as manobras são feitas a vapor. Comanda-o o capitão George A. Goodwin, um dos mais considerados da casa armadora, que possui 25 navios d'este genero. As suas acomodações são excelentes. Levou do nosso porto para Filadelfia um carregamento de cortiça da casa Bucknall Scholtz & C.º



1. O lugre Addie M. Lawrence.—2. e 3. Dois aspectos tirados a bordo do lugre.
(Clichés Benoitel).

ECCOS DE TODA A PARTE

UMA LINDA INGLEZA

As revistas elegantes d'Inglaterra publicam o retrato de mrs. F. H. Hornsby, irmã de Lord Belper, cujo casamento com o major Hornsby, da Royal Field Artillery, se realisou recentemente. E' uma das mais formosas e distintas senhoras da alta sociedade de Londres.



PARIS SOB A NEVE

Depois d'alguns dias d'uma temperatura rigorisissima, a neve começou caindo sobre Paris. A municipalidade não dispõe nas atuais circunstancias do pessoal necessario para desembaraçar as ruas; o transito torna-se por isso extremamente difficil. A nossa gravura representa a Praça da Concorde sob a neve.



Uma linda ingleza
(Cliché Foulsham and Banfield, Ltd).



A Praça da Concorde em Paris coberta de neve



A sombra de Tino.

A SOMBRA DE TINO

E' bem expressiva a caricatura que copiamos do *Número*, de Turim. Sem duvida os alemães de cada vez mais se mostram na impossibilidade de o socorrer, e o rei dos gregos, ou, pelo menos, d'alguns gregos, vê-se forçado pelo bloqueio a aceitar as justas exigencias da *Entente*. Mas os seus sentimentos germanofilos não mudaram e os aliados não se arrependem se aceitarem com todas as cautelas que os precedentes lhe aconselham essa pouco espontanea submissão.



CAVALIERI,

ESTREIA DO CINÉMA

Cavaleri, a linda Cavaleri das caixas de fosforos e das ferozes pateadas de S. Carlos (tempos que já lá vão!), consagra-se agora ao cinema, onde o seu talento cenico incontestavel e a sua beleza ainda triunfam. Com seu marido, o tenor Muratore (que muitos preferem, e com certa razão, no palco da Opera) ela aparece em alguns dos «films d'art» que maior successo tem obtido nos ultimos tempos. O retrato da celebre artista, que reproduzimos, é uma das mais belas obras do notavel pintor Antonio de La Gandara.



Madame Cavalleri.

A GUERRA



O PRINCIPE DE CONNAUGHT EM FRANÇA

(Clichê da secção fotografica do exercito francez).

O principe de Connaught é, pode dizer-se, um *habitué* da frente franceza. As suas visitas lá são frequentes. A mais recente, na região do Somme, permitiu-lhe distribuir algumas

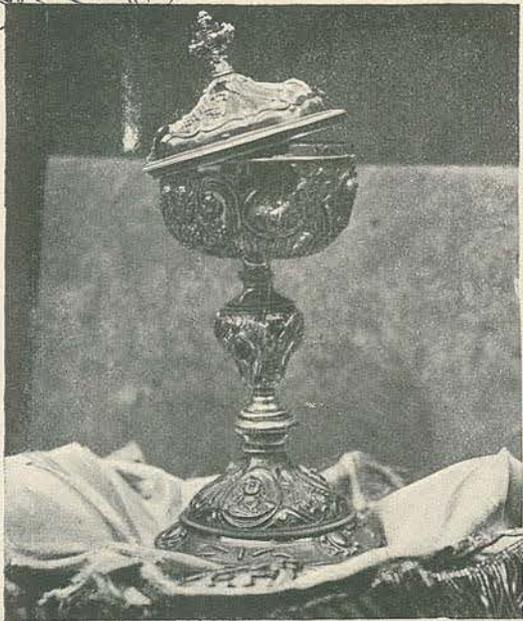
condecorações inglezas a officiaes e soldados que se distinguiram nas ultimas offensivas. E' a cerimonia da entrega d'essas condecorações que a nossa gravura representa.



UM BOSQUE ARRAZADO

Nas regiões onde se combate, as florestas teem levado uma derrota formidavel, quer cortadas para os trabalhos de fortificação, quer arrasadas pela artilharia. O aspeyto, que publicamos, é de uma das mui-

tas e belas florestas que se encontram na linha de batalha em França. Dá bem a idéa do que é a devastação de uma riqueza florestal que levou tantos anos a crear e que tão cedo não se poderá refazer.



«Gott mit uns»

(Cliché da secção fotografica do exercito francez).

A guerra subterranea. — Depois da Marne, inaugurada a chamada guerra de posições que sucedeu á guerra de movimento e á qual esta provavelmente virá de novo a succeder, os trabalhos de sapa tomaram uma importancia capital. Por eles unicamente se manifestou e manifesta ainda, durante longos dias, a atividade em alguns sectores. A nossa gravura representa um sapador ao trabalho, perfurando um muro com um *martelo* d'ar comprimido.

Gott mit uns. — Se com efeito Deus está com eles, como os alemães tão altisonantemente e tão pretenciosamente proclamam, manda a verdade reconhecer que eles correspondem pouco amavelmente a esse concurso precioso. O ciborio da igreja de Gerbeviller atravessa o pelas balas boches e que a nossa gravura representa dá-nos d'isso um testemunho a que não falta a eloquencia e que deve fazer meditar os catolicos germanofilos das nossas regiões.



A guerra subterranea.



A luz atravez da neve.

A luz atravez da neve. — A curiosa fotografia que reproduzimos mostra-nos os cristaes da neve atravessando a zona luminosa d'um projector instalado perto das primeiras linhas no norte da França. A luz ilumina um grupo de quatro soldados, dois dos quaes pertencentes á infantaria de marinha que tão grande papel teve nos combates travados n'aquelas regiões.



Fotografia Artística



Conversando á hora do descanso.

Domingos Alvão, o distinto fotografo portuense, que tantas vezes tem colaborado n'estas paginas, envia-nos uma coleção preciosa de alguns dos seus ultimos trabalhos, de que damos estes specimens. Poucos como ele sabem colher as pessoas e as coisas sob os seus verdadeiros aspétos artisticos e estabelecer os mais empolgantes contrastes de luz e de sombra. Por isso de todo o paiz o encarregam de obras delicadissimas.



Em plena faina.

Os artistas francezes na guerra

E' longa a lista dos artistas dos teatros de Paris que estão servindo a patria nos campos de batalha. Publicando os retratos d'alguns d'elles a *Ilustração* presta homenagem ao seu patriotismo e ao

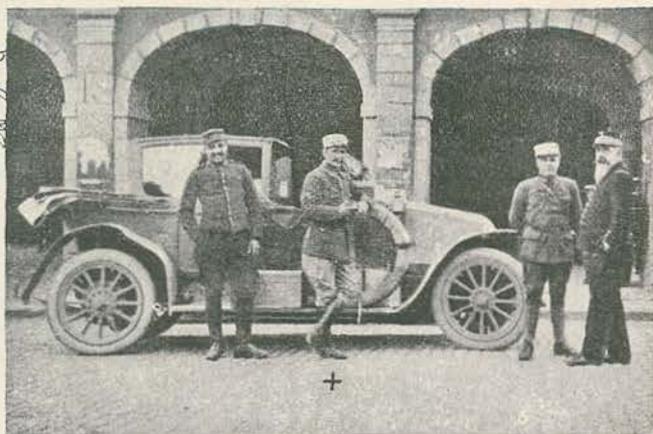
nobre exemplo que representa o alistamento voluntario d'aqueles que a idade punha já a coberto dos riscos da guerra. Entre esses figura o tenor Maurice Cazeneuve, da Opera, que, com 54 anos d'idade, se alistou para poder fazer a campanha ao lado de seu filho, e que morreu n'um dos sangrentos combates da Argona.

Com o chefe d'orquestra Ernaldy, que na frente conquistou os seus galões de capitão, deu-se um dia um episodio curioso que é ao

mesmo tempo um lindo ato de bravura bem espirituoso e, por isso mesmo, bem francez. Er-

voz, um conhecimento perfeito da lingua alemã e a ciencia musical inherente á sua profissão, Ernaldy poz-se a cantar a aria da estrela do *Tannhauser*. Os boches convenceram-se de que se tratava d'um *kamarad* e aproximaram-se, de mãos nos bolsos com toda a confiança. Da sua missão perigosa o capitão-maestro regressou trazendo comisigo um bonito numero de prisioneiros alemães.

Esse episodio prova uma das vantagens de não esquecer Wagner, mesmo em tempo de guerra. E essa não é a unica, diga lá



O capitão Paul Boncour, antigo ministro do comercio antigo sub-secretário d'Estado das Belas Artes.

perigoso quando de subito se encontrou a alguns passos d'um posto d'observação do inimigo. Que fazer para iludir a vigilancia dos boches? Ele não hesitou; possuindo uma bela



O «maestro» Ernaldy



O basso Vanni Marcoux.

ernaldy guiava os seus homens n'um reconhecimento



O basso Marvini

o que disser mr. Saint-Saens...



O «maestro» Albert Wolff, piloto, avlador. (+)



Lisboa do romantismo

O NOSSO co'aborador Mario de Almeida, que os leitores da *Ilustração Portuguesa* tantas vezes teem apreciado no nosso *magazine*, acaba, agora, de reunir em volume a série de folhetins interessantissimos que de fevereiro a novembro do ano passado publicou nas colunas de *A Capital*. *Lisboa do Romantismo* inaugurou brilhantemente o ano literario e o seu successo de livraria não desmentiu as lisongeiias esperanças que desde o começo se deviam exigir de Mario de Almeida, um dos escritores da nova geração que mais fortes e masculas qualidades de prosador tem revelado aliadas a uma elegancia e a um sentimento de ritmo que demonstram um literato de raça. Mario de Almeida, é, de facto, um escritor feito que soube evocar com real talento essa misteriosa poesia do passado e fazer reviver em paginas belas todo o romantismo portuguez, tão cheio de encantos subtis e tão pouco conhecido.

Na sua galeria, toda a Lisboa da primeira metade do seculo

XIX desfila, ora em traços fortes e bem vincados ora esfumada n'uma ternura e n'uma emoção que nos revelam um apaixonado da sua cidade, pesquisando-lhe as doçuras e as belezas, debruçado, como ele proprio o diz, *n'um velho mundo morto*; a cidade, com efeito, ressurge em trinta e dois capitulos traçados com excelente mestria, desde o sanhedrio tumultuoso dos *Casacas de Briche* até ao

movimento exausto da Regeneração; entre esses dois factos perpassam, marcados por uma pena de poeta que é ao mesmo tempo a de um historiador, colhidas n'uma flagrante realidade, as figuras que exaltam a elegancia romantica portugueza e deram todo o brilho á sociedade das Laranjeiras, da Assembleia Lisbonense, de S. Carlos, outros tantos quadros que Mario de Almeida desenha deliciosamente, com uma tal verdade e um tão justo sentimento da época, que revelam um paciente e laborioso estudo singelamente encoberto n'uma maneira de dizer muito pessoal e muito brilhante. Ao lado de paisagens delicadas, repletas de côr e de relevo, como as do *Exilio*, da *Agonia*, ha paginas animadas por um sopro épico, que mestres por vezes não desdenhariam assinar; se não bastasse para a justa e meritoria reputação de Mario de Almeida o seu ainda curto mas já brilhante passado literario, *Lisboa do Romantismo* ter-lh'o-ia creado sem reservas. N'esta época de produção literaria intensa este livro fica e está destinado a sucessivas edições. Ha n'ele o perfume enternecedor de um largo coração que sabe sentir e comunicar; na sua estrutura despretenciosa, é um livro de vulgarisação, d'estes que fazem conhecer e estimar as coisas da nossa terra tão desdenhada por vezes e que tanto e tão belo campo oferece para trabalhos d'este genero. O novo livro de Mario de Almeida veio preencher uma lacuna que existia precisamente n'um dos pontos mais interessantes da nossa vida social. Por isso reúne o merito raro de ser um livro de poeta — e um livro de critico.



O distinto escritor sr. Mario de Almeida

FIGURAS E FACTOS



1. O sr. dr. Francisco Neves Godinho, proprietario em Almeirim, onde durante muitos anos exerceu a clinica e foi devotado protetor das classes menos abastadas, falecido em Santarem.—2. A sr.^a D. Arminda da Conceição Coelho Maia, falecida em Braga. Era filha do capitão sr. Francisco Pereira Maia.—3. A sr.^a D. Hilda Clarisse Baudeira de Alemquer, esposa do illustre professor sr. Mario de Alemquer, colaborador da «Ilustração Portuguesa», falecida em Belas.—4. A sr.^a D. Isabel Maria do Carmo Sena Ri-

beiro, distinta professora da Escola Central n.^o 16, falecida em Lisboa.—5. A sr.^a D. Auzenda Gomes Cunha, falecida emilhavo, onde era muito estimada pelas suas virtudes.—6. O sr. João Marques Correia, antigo industria, falecido ultimamente em Lisboa.—7. O sr. José Joaquim de Souza, professor official, em serviço na Escola Central n.^o 12, falecido em Lisboa.—8. O sr. Luiz Martins de Albuquerque, proprietario em Ponte de Lima, onde faleceu recentemente.



O sr. Orlando Marçal
fazer vibrar a alma.

Horas suaves.—Com este titulo e o sub-titulo *Aspétos e Impressões*, publicou o dr. Orlando Marçal mais um livro que é uma nova afirmação do seu talento, do seu temperamento artistico e da sua brilhante fórma literaria. São 19 trechos formosissimos, leves, atraentes, que se lêem com encanto, sobre assuntos variadissimos, tratados com o carinho de quem sente o que escreve e possui o segredo de nos

Problemas economicos e coloniaes.—E' este o titulo da tese que com o maior brilho defendeu o capitão sr. Velhinho Correia, em concurso publico, para o logar de professor de colonisação na Escola Colonial, demonstrando a necessidade e vantagens de uma carreira de navegação para o extremo oriente. O sr. Velhinho Correia, deputado por Macau, é um dos novos mais dedicados aos estudos coloniaes e está mobilisado no 1.^o corpo expedicionario para França.



O sr. Velhinho Correia

A CASA DA BONECA

Uma nova interprete de Ibsen

A *Casa da Boneca*, a obra-prima de Ibsen, vae ser novamente interpretada no Teatro Nacional. De todas as obras do grande dramaturgo norueguez, é esta com certeza aquela que mais discutida tem sido e é, incontestavelmente tambem, a mais conhecida e divulgada em todos os teatros do mundo. Lisboa viu-a e ouviu-a interpretada pela Duse, parece-nos tambem pela Rejane e, em portuguez, pela querida e saudosa Lucilia Simões, tão prematuramente afastada da cena,



A atriz Irene Neves



Lucinda do Carmo

em plena florescencia de talento e de notoriedade.

A Escola de Arte de Representar, por intermedio d'uma aluna com reaes aptidões, Irene Neves, vae fazer no Teatro Nacional a ressureição da admiravel obra dramatica que, além do seu interesse filosofico, tem uma empolgante vida teatral. Os outros principaes papeis da *Casa da Boneca* serão desempenhados pelos professores Lucinda do Carmo, Augusto de Melo e Antonio Pinheiro e pelo ator Carlos Santos.



Carlos Santos



Augusto de Melo



Antonio Pinheiro

**CIGARROS
DE ABYSSINIA**

EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.
Muito eficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmodicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exito. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
8, Rue Dombasle, 8
PARIS

E BOAS PHARMACIAS

As **Dores de cabeça e neurasthenia**

produzidas pela

PRISÃO DE VENTRE

curam-se, regularizando os intestinos com a

LACTOSYMBIOSINA

Não é purgativo. Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS-T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

Vêr na proxima quar.a-feira o

Suplemento de Modas & Bordados (DO SEculo)

Preço: 3 centavos

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

DORES DE COSTAS

As **Pilulas FOSTER** para os Rins

son sem rival para combater : dores de costas
e dos membros, lassidão dos mesmos,
doenças e fraqueza dos rins e da bexiga
e das vias urinarias, calculos, nevralgias,
rheumatismo, hydropisia ; envenena-
mento do sangue pelo acido urico, etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em
todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correlo,
franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes : **JAMES CASSELS & C^o, Succes.,**
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

Use os Perfumes

da

CASA AUREA

280, R. DO OURO, 284
- LISBOA -



CHÁ HORNIMAN

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N^o 2777-LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

Ações.....	380.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	298.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabri-
cas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (To-
mar), Penedo e Casal de Hermio (Louza),
Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas
para uma produção anual de seis milhões
de kilos de papel e dispondo dos maqui-
nismos mais aperfeçoados para a sua in-
dustria. Tem em deposito grande varie-
dade de papéis de escrita, de impressão e
de embrulho. Toma e executa prontamente
encomendas para fabricações especiaes de
qualquer quantidade de papel de maquina
continua ou redonda e de fôrma. Fornece
papel aos mais importantes jornaes e pu-
blicações periodicas do paiz e é fornece-
dora exclusiva das mais importantes com-
panhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico:
Lisboa, 605—Porto, 117.

Aquelles que teem horror à Primavera!



São muitos! São milhões de desgraçadas vítimas do mais terrível flagelo da humanidade — A SIFILIS — que no mundo inteiro tem horror à primavera, a mais linda estação do ano. Que tristeza é dizel-o!

E, no entanto, todas essas infelizes vítimas podem ter a maxima esperança em ver passar essa linda quadra sem o menor desespero, mas antes com alegria e satisfação! Todos podem ambicionar a sua chegada, todos! mas para isso é necessario tratarem-se, depurando

e purificando o sangue, extinguindo d'uma vez para sempre o terrível microbio da sifilis, tomando o seu mais terrível e cruel adversario, o depurativo por excellencia, mais energico, mais eficaz.

DEPURATOL (em formula de pilulas) (REGISTADO EM 14 PAIZES)

E porquê? Porque este e não outro? Porque o **DEPURATOL** é o unico que, sem receio de futuras manifestações, cura a sifilis!

Porque o **DEPURATOL** é o unico entre todos que tem a suprema vantagem de ser eficaz, comodo, portatil, economico e, sobretudo, absolutamente inofensivo! Por estas razões o **DEPURATOL** é um remedio quasi universal e que se exporta para toda a parte! Quem o não conhece??

Doentes! — Tende cuidado com a vossa doenca e tomae apenas o remedio que vos garanta melhoras reaes e positivas, até obterdes a cura radical e perfeita! E' que ha muitos individuos que tomam as melhoras por uma cura e que passando um certo periodo vêem com espanto e desolação reaparecer com mais vigor novas manifestações, ao mesmo tempo que o estomago se recente d'outros medicamentos ingeridos. Tal se não dá com o **DEPURATOL**! O doente que se trate com este preparado, jámais precisará tomar outros remedios, jámais! E o organismo do doente ficará ainda mais são, mais limpo, mais purificado!

E' que o **DEPURATOL** passa, pela sua especial composição e preparação, diretamente ao intestino do doente sem ser digerido no estomago, o que traria os gravissimos inconvenientes, frequentes e inevitaveis, com o uso de outros medicamentos usados para o mesmo fim.

Deposito geral para Portugal e Colonias: **FARMACIA J. NOBRE** — 109, Praça de D. Pedro. 110 (Rocio) — LISBOA

A' venda no **Porto**: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44; em **Braga**: Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal; na **Figueira da Foz**: Farmacia Sotero, Praça Nova; em **Evora**: Drogaria Martins & Mata, rua João de Deus, 64; em **Portalegre**: Farmacia

O **DEPURATOL** é facilmente assimilavel, isto é, uma vez dentro do intestino é rapidamente absorvido pelo organismo, passando instantes depois para a corrente circulatoria, ou seja, para melhor compreensão, para o sangue, onde fica, sendo então levado juntamente com este até ás partes mais reconditas e afastadas do organismo, graças á impulsão constante do coração. Uma vez ali, vae a toda a parte: ao cerebro, ao figado, aos pulmões, emfim, a todas as visceras, destruindo o agente especifico da sifilis, ou seja o terrível «esprócheta». E' assim mesmo que se compreende a sua acção no ponto em que está implantado o cancro duro!

O **DEPURATOL**! Quem o não conhece?

Ele tira as dores ao doente; ele traz-lhe o appetite; ele dá-lhe o bem estar; ele não altera o sangue; ele não é purgativo; ele não tem sabor; ele não exige dieta especial; ele é imensamente portatil; ele não tem, n'uma palavra, o minimo inconveniente na sua applicação, nem causa o menor incomodo! Qual o que se lhe equala? Nenhum! Use-o quem o não duvidar e quem o duvidar que sofra sem descanço!

Tubo com 36 pilulas (uma semana de tratamento). 18050 réis; 6 tubos, 58300 réis. Pelo correio, franco de porte. Todas as instruções vão juntas aos tubos.

A' venda em todas as boas farmacias e drogarias.

Chambel; em **Setubal**: Antiga Casa Supardo; em **Torres Vedras**: Drogaria Barreto; em **Coimbra**: Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 33 a 36; em **Tomar**: Farmacia João Torres Pinheiro & C., etc., etc.